

MENOR QUE O MAR E MAIOR QUE O TEMPO

– ... deve morrer, passando...

Victor Lages

Acordei hoje com uma tremenda dor de artrite e consciência e o que mais me irrita é que a consciência dói há mais tempo do que minhas articulações. E daí vem os pesos do passado, pressionando meu corpo por cima, forçando minhas juntas e impelindo-me a ceder. Começo a achar que minha mente me sabotava e transfere as dores dela para o resto da carcaça que ainda não está machucada. Isso só ajuda a consolidar minha tese de que a dor é psicológica.

Para piorar, hoje é domingo. O pior dia da semana. O dia mais preguiçoso, mais tenso, mais enfadonho... Não que isso tudo faça muita diferença na vida de alguém com mais de oitenta, mas é também o dia mais quente da semana e isso me realmente incomoda. É como se a Terra estivesse mais perto do Sol, em sua órbita desorganizada e mal elaborada, feita propositadamente para atormentar os países que se encontram na linha do Equador. Sem apelar para geografia e forçando a religião, é como se Deus quisesse derreter todos nós para fazer coisa melhor. O que eu não saberei, pois não estarei aqui por muito tempo para descobrir.

Porque “tudo o que nasce deve morrer, passando pela natureza em direção à eternidade”. Ah, Shakespeare, seu sacana. Prevendo minha vida e minha morte desde meados de 1600. Sempre fui apaixonado por essa frase, porque representa mais do que o que se lê.

Tudo: tudo, mas tudo mesmo! Não só a vida dos mortais, mas a de seres que não se comunicam e, por isso, “não se trumbicam”. Felizes são as pedras, que não nascem, nem se reproduzem, muito menos morrem. São pacifistas, destinadas simplesmente a ver a (des)evolução humana, sofrendo ainda com nossas marcações com o passar das eras e com alguns idiotas que querem se eternizar e escrevem “ABEL ESTEVE AQUI”. Mas, além de mortais, plantas, animais, pedras, penso nas histórias. Estas nascem, morrem e ficam eternas, cruzando-se, entrelaçando-se e sobrevivendo, uma vírgula aumentada por vez.

Nasce: fenômeno de dar vida a alguém, às vezes servindo de deboche para quem fala “naisce” ou quem escreve em suas mais derivadas modificações, com “S”, sem “S”, com “X” e por aí vai até a alfabetização completa do país (utopia máxima).

Deve: obrigação, necessidade natural ou proposta? Há uma leve ambiguidade aqui, nas entrelinhas dos três sentidos. Talvez tenha sido mal traduzida, o que não creio, pois pesquisei demais e achei o verbo sempre nos mesmos moldes. Assim, vejo com dois olhos. O da esquerda, da obrigação, enxerga como um dever mesmo, uma ordem (superior ou não) de que o fim é

iminente e contra vontade da vida, esta nunca ouvida frente às autoridades que determinaram suas leis acima das terrenas. Ao olho da direita, o do natural, reservei a opção pela morte como necessária, avessa à lotação do mundo, mas a favor do progresso da vida (tem tanta ironia e contrassenso aqui que me perco). Quanto à proposta, o terceiro olho, entra nos critérios da eutanásia e começa a envolver religião, por isso, pararei aqui, pois não quero aborrecer a Santíssima Instituição com questões morais e éticas. Hoje não!

Morrer: fim. Fim? Não de acordo com Shakespeare e assim espero que seja. Mas depende da eternidade. O que eu entendo é que o poeta disse que o “para sempre” é a fama. Não sei se ele era cristão ou apenas religioso, mas não creio que ele acreditasse no pós-vida. Acho que ele só se referia à fama dos que vivem e morrem, entrando para a história como alguém importante ou apenas mais um espermatozoide acidental que entrou de gaiato no útero.

Passando: Mais um erro de tradução ou palavra bem empregada para dupla interpretação? Poderia significar no sentido de “ir de um lugar ao outro”, como poderia muito bem ser no contexto de estar só de passagem pela vida, sem maiores contribuições à humanidade, e continuaria assim para o depois. Gosto de acreditar que me encontro no primeiro grupo, junto com o camarada Will.

Natureza: essa é simples. É o ambiente em que vivemos. Tudo o que nos cerca, rodeia, o mundo lindo e feio que habitamos de penetra.

Direção: aqui complica, pois envolve caminhos e com isso entramos em um espaço de escolhas. Entro no acordo com Shakespeare de que é para a eternidade, mas por quais avenidas devemos seguir para chegar até lá? E como iremos? Há uma via expressa que dê direto na eternidade ou precisamos de um atalho? E se eu me perder nesse atalho? Por isso prefiro morrer junto com minha esposa, pois se a gente se perder, posso colocar a culpa nela. Afinal, é sempre a mulher que escolhe o atalho, a via, o meio de transporte, até a vestimenta da viagem ao pós. Além disso, mulheres vêm com GPS embutido e um sistema de radar fantástico, mal utilizado para localizar seus homens em bares. Então esse é o segredo, a primeira lei do Código de Shakespeare: *morra com sua esposa que você chegará lá e, se não chegar, ao menos irá se divertir vendo sua mulher indagando a si mesma “eu tinha certeza de que era por aqui”*.

Eternidade: lá aonde? Inferno ou céu, eis a questão! Trevas, limbo, paraíso com anjos seminus, aonde mais? Quais são todas as opções? Quero saber com antecedência para poder pensar bem antes de viajar e escolher o melhor. Afinal, será por todo o eterno da outra vida sem morte. Preciso saber qual será minha companhia. Será uma pessoa bacana, inteligente e culta, com quem conversarei sobre os filmes que pretendi ver e que lá fingirei que vi? Ou uma profissional de strip-tease com diploma de *poledance*? Exijo garantias! Seria uma boa, se minha esposa não estivesse lá também. Segunda Lei do Código de Shakespeare: *leve sua esposa até a metade do caminho, até você se orientar direitinho para onde seguir. Depois diga que vai ao banheiro e deixe-a esperando por um quinto da*

eternidade (tempo suficiente para ela lembrar que o padre disse que era só até a morte separá-los e ela procurar seu próprio rapazote).

E assim vai meu dia quente, com joguinhos de palavras clássico-literárias, sem sentido algum, enquanto não chega meu julgamento final. Ah, vida, que gosta de brincar de morte! Ah, domingo, seu canalha! Ah, Will, seu sacana! Ah, “a morte, esse inverno...” (SHAKESPEARE, William).